

NA MARGEM DA MARGEM: EPISTEMOLOGIA POÉTICA DE UM NÃO SUJEITO

EN EL MARGEN DEL MARGEN: EPISTEMOLOGÍA POÉTICA DE UN NO SUJETO

Cairo Eduardo da Silva Guimarães¹

DOI: 10.26512/revistacalundu.v9i2.60912

Me disseram: “Seja você.”

Mas o que fazer quando *ser* é o que o mundo interditou?

Quando a ontologia foi desenhada

para que eu jamais existisse como sujeito?

Não, Fanon.

Eles não queriam o meu corpo,

queriam o silêncio que ele aprendesse a fazer.

Queriam que eu me olhasse no espelho

e visse apenas um erro.

“Negro não é homem.”

E bicha preta, o que é?

A soma de dois não-seres?

Grada escreveu que o lugar do negro

é o fora.

Fora da fala.

Fora da casa.

Fora do amor.

E eu fui fora.

No gueto da sexualidade.

Na margem da margem.

Na solidão que eles disfarçam com política de cotas.

¹ Discente em Programa de Pós-graduação em Sociologia (PPGS), da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: cairo_silva@discente.ufg.br

Sueli, mãe intelectual,
disse-se que a dor de ser negra
é também a dor de ver-se sozinho no mundo.
Mas ninguém me preparou
para ser também invisível no “orgulho”.
bell hooks me falou do amor como ato político.
Mas ninguém me amou em praça pública.
Meu corpo era segredo,
era foda escondida,
era desejo sem afeto.
Eu era ferida e fetiche.
Achille Mbembe me avisou:
a necropolítica é mais do que tiro.
É vida sendo negada de forma elegante,
é convite que não chega,
a beleza que não se permite.
João Vargas me mostrou
que racismo não é disfunção,
é projeto.
E nesse projeto,
meu corpo homoafetivo
é rachadura que preferem inferiorizar, emudecer.
Me disseram:
“Você também faz parte.”
parte de quê?
Da estatística do HIV?
Do extermínio simbólico?
Do *dating app* onde minha pele é o “não, obrigado”?
Hoje escrevo.
E escrever também é gritar.
É insurgir com palavras o que a carne já cansou de suportar.
É devolver, em verso, a brutalidade estrutural.

E eu digo:

sou bicha preta.

Sou o que vocês não têm linguagem pra nomear.

Sou uma teoria viva.

Sou um mundo que insiste.

Se “gay” é coisa de branco,

então minha existência é outra coisa.

É flecha, é oríkì, é tambor.

É teoria forjada no silêncio do terreiro,

na lágrima que ninguém enxugou,

na epistemologia do escuro.

Hoje, não peço mais convite pra parada.

Trago a rua comigo.

Trago a história comigo.

E com ela, escrevo outro futuro.

Me disseram: ‘Seja você ’,

E o diziam sem hesitar, negando-me o direito de respirar.

Recebido em: 01-12-2025

Aprovado em: 23-12-2025